

Transformações e Permanências: Tipologia e Morfologia do Centro Histórico de Laguna – Santa Catarina - Brasil

M^a Matilde Villegas J.
Universidade do Sul de Santa Catarina – Brasil
matildevillegas@terra.com.br

Vladimir Fernando Stello
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional – Brasil
stello@terra.com.br

ABSTRACT

The morphological and typological analysis are tools of the critical model to study the city, trying to identify the architectural languages, the processes that define the place as a culturally characterized space, taking into account the categories as type, model and structure. These studies of the urban space provide knowledge about its shape, organization and transformation in time contributing to the understanding of space. The premise is that the typological and morphological studies in a historic center characterize the built fabric, being an effective instrument for understanding the urban form and its transformations, and it is an important aspect to base conservation activities. Some authors are taken into consideration on morphology and typology concepts, such as Quatremère de Quincy, Jean Nicole L. Durand, Giulio Carlo Argan, Aldo Rossi, Saverio Muratori, Carlo Aymonino, Caniggia and Maffei, Pier Luigi Cervellati. Other contemporary researchers have developed theories and contributed with new criteria regarding the theme of typology in architecture. Among them are the Argentineans Marina Waissman and Alfonso Corona Martínez, the Spaniard Rafael Moneo and the Portuguese José Lamas. The city of Laguna (Santa Catarina – Brazil), enlisted by Iphan as a document city in 1985, was used as a model for this analysis, in order to define intervention criteria based on the essential factors that give it the character that it is intended to preserve.

Keywords: Urban preservation; typology; morphology

1. INTRODUÇÃO

Estudar a morfologia dos espaços urbanos proporciona conhecimentos sobre sua forma, organização e sobre a sua transformação no tempo contribuindo com um maior aperfeiçoamento na compreensão desse espaço. A partir da revisão documental e histórica, pode-se analisar quais os elementos que têm configurado o espaço urbano de um centro histórico, com ênfase na morfologia urbana e tipologia das edificações, principalmente no conjunto conformado pelas edificações residenciais, como um dos principais fatores de permanência morfológica da estrutura urbana ou da sua transformação. Para fundamentar esta pesquisa foram revisados os conceitos de morfologia urbana e tipologia. Parte-se da premissa de que o estudo tipológico em uma determinada cidade ou centro caracteriza o tecido edificado, sendo um instrumento eficaz para a compreensão da forma urbana e suas transformações.

A forma da cidade não é o resultado de um projeto único, é a resposta de uma reconstrução

permanente sobre si mesma ao longo de toda sua história, por superposição, acumulação, desaparecimento e substituição. Para Pesavento (2004, p. 26) “(...) A cidade se apresenta como um palimpsesto, como um enigma a ser decifrado. (...)”.

A forma urbana de um centro histórico pode ser vista de vários ângulos e perspectivas; neste trabalho foram enfatizados os estudos morfológicos e tipológicos do Centro Histórico de Laguna, como um dos principais fatores da permanência da estrutura urbana ou da transformação desta. Foram abordados os aspectos da morfologia urbana e tipologias edilícias, que configuram a sua imagem, analisando a forma urbana em uma perspectiva de espaço-tempo historicamente constituído; e como o momento atual, no qual a análise de suas condições físicas e sociais permite a transformação da realidade, a partir de propostas de intervenção das edificações, como entidades vivas.

A análise da forma urbana é sem dúvida um dos aspectos básicos para fundamentar as atividades de conservação de um centro histórico. A falta de estudos neste aspecto tem como consequência o esquematismo de soluções, que tem alterado a realidade, produzindo uma ruptura com o que a cidade em sua forma, através do tempo, havia conseguido significar.

Durante as diversas etapas do desenvolvimento dos conjuntos urbanos aparecem nas edificações determinadas organizações espaciais comuns a um grupo considerável de imóveis. Dita reiteração constitui uma resposta aos condicionantes impostos pelo urbanismo preexistente ou em formação, derivado, a sua vez, de fatores físicos naturais - relevo, tipo de solo, clima, acidentes geográficos, etc.- fatores socioeconômicos, restrições institucionais, regulamentos urbanos, desenvolvimento tecnológico, entre outros.

O resultado desta relação dialética entre a arquitetura e o urbanismo, na qual a mesma se insere, é o aparecimento de algumas soluções cuja efetividade, como resposta a circunstâncias concretas do sítio em um dado período, induz a repetição, em seu caráter de modelos ideais.

Precisamente, muitas destas peculiaridades proporcionam legibilidade aos diversos contextos e os caracterizam, formal e funcionalmente, brindando-lhes certo nível de homogeneidade. É por isto que, ao se definir os objetivos de preservação dos conjuntos urbanos históricos que implicam a conservação de suas características ambientais, se faz fundamental a realização tanto dos estudos morfológicos como dos tipológicos, por meio dos quais se possibilita a determinação daqueles fatores essenciais que lhes proporcionam o caráter que se pretende conservar.

Desta maneira para este trabalho, partindo da premissa de que os aspectos morfológicos e as tipologias edilícias devem ser estudados concomitantemente, uma vez que estes dois aspectos são intimamente relacionados com a evolução da cidade e para a compreensão da forma urbana e, por conseguinte de sua transformação, será analisado o Centro Histórico de Laguna-SC como modelo da aplicação desta metodologia.

A importância histórica e cultural de Laguna tem relação com o fato de situar-se no limite extremo ao sul do território lusitano, foi o local pelo qual passava a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas de 1494. A partir de Laguna partiram os conquistadores para o território de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, tendo sido o porto na Lagoa Santo Antônio dos Anjos de fundamental importância na ampliação dos limites das terras da coroa portuguesa no sul do Brasil. Em 1985, o IPHAN, tombou o núcleo inicial da cidade, considerando-o fundamental para a manutenção da

identidade dos brasileiros e da paisagem urbana de Laguna.

2. MARCO CONCEITUAL

As análises morfológica e tipológica são complementares, sendo que a morfologia trata da forma urbana, a tipologia a complementa identificando os tipos que se encontram inseridos nessa forma, como elementos essenciais da estrutura da cidade. Juntas identificam as transformações e permanências que vão caracterizar culturalmente o lugar (DURAN ROCCA, 2009). A realização desses estudos e o reconhecimento de sua importância – aplicados aos programas de preservação dos centros históricos– são recentes quando aplicados ao urbanismo e a arquitetura, de modo vinculado a teoria da restauração, são sujeitos a diversas interpretações.

É a partir dos anos sessenta, do século XX, que as ações de restauração transcendem a escala do monumento isolado para considerar a dos conjuntos históricos urbanos, começando assim uma experiência estendida na Europa e na América. As instituições culturais de muitas cidades declaram protegidas as suas áreas e setores históricos. Generaliza-se a aplicação dos inventários físicos e outras ações práticas que incentivam o desenvolvimento da base teórica, assim como a consideração de pesquisas e teorias afins elaboradas anteriormente (MENÉNDEZ GARCIA, 2005).

A importância adquirida nos anos sessenta pelos programas de atenção as áreas centrais das cidades históricas levou aos teóricos contemporâneos a olhar para o início do século XIX, momento no qual dois importantes pesquisadores da época introduziram a ideia de “tipo”, sob diferentes óticas, ambos franceses: Quatremère de Quincy (1755-1849) e Jean Nicole L. Durand (1760- 1834).

Nas primeiras décadas do século XIX, quando a continuidade histórica da arquitetura passou a ser questionada em função dos avanços sociais e tecnológicos, Quincy formulou o conceito de “tipo” aplicado à arquitetura. Segundo Menéndez Garcia (2005, p. 4) Quincy (1980) partia do princípio de que o “tipo” representava “(...) a relação entre a forma e a natureza do objeto, a lógica com base na razão e ao uso, alcançado por muitas obras de arquitetura ao longo da história”. Ressalta que “tipo” e “modelo” não são o mesmo, uma vez que o “tipo” se constitui em um elemento que servirá de parâmetro, ou regra, e o “modelo” é algo a ser imitado literalmente.

Por outro lado Jean Nicole L. Durand, contemporâneo de Quincy, propunha um catálogo de elementos componentes para serem utilizados em qualquer obra arquitetônica e que eram acompanhados de instruções para seu uso, dirigidas a alcançar composições apropriadas e econômicas, como forma de atender os novos programas que surgiam na época (DURAND, 1981).

A diferença fundamental entre as posições de Quincy e Durand está em que, para o primeiro, não se pode desvincular o “tipo” do contexto histórico-cultural não sendo justificadas inserções desvinculadas do contexto urbano preexistente. Já para Durand, aqueles componentes arquitetônicos, poderiam ser utilizados de maneira flexível criando arquiteturas, livres dos modelos tradicionais, que poderiam inserir-se em qualquer contexto (MENÉNDEZ GARCIA, 2005).

Segundo Menéndez Garcia (2005) estas duas teorias foram utilizadas, no início do século XX, em rumos divergentes para diversas aplicações. A mais vinculada a Quincy “(...) utilizará os estudos tipológicos em sua condição de instrumentos a serviço das análises históricas da arquitetura e as pesquisas dirigidas para a defesa dos conjuntos urbanos históricos” (MENÉNDEZ GARCIA, 2005, p.

5). Dessa maneira o “tipo” entendido como “resultado do desenvolvimento histórico” que marca as propriedades essenciais que “caracterizam um grupo de edificações, independentemente dos outros atributos formais que lhe asseguram individualidade” assumindo-o “em sua condição flexível e tendo em conta sua capacidade de transformação para derivar em outro novo” (MENÉNDEZ GARCIA, 2005, p. 6).

A posição de Durand estaria mais vinculada aos pensamentos do Movimento Moderno, com suas tendências funcionalistas, onde as soluções tradicionais não servem como modelo para os novos programas. Segundo a teoria funcionalista cada solução concreta é a resposta a um problema específico e a um contexto determinado (MENÉNDEZ GARCIA, 2005).

Referindo-se às posições de seus defensores, Rafael Moneo (1984, p. 19) assinala que o Funcionalismo “parecia oferecer, naqueles momentos, a regra para uma arquitetura que não teria por que recorrer aos precedentes, que não teria necessidade de aceitar a contingência histórica que supunha o conceito de tipo”.

Os estudos de morfologia urbana surgiram de questionamentos sobre as posições assumidas pelos arquitetos modernistas em relação aos centros históricos. O grande legado urbano existente na Itália justifica o porquê de os italianos serem os pioneiros nessa área da Ciência Urbanística, destacando-se Giulio Carlo Argan (1909 - 1992), Saverio Muratori (1910 - 1973), Carlo Aymonino (1926 - 2010), Aldo Rossi (1931 - 1997) e Pier Luigi Cervellati (1936). Estes pesquisadores utilizaram os estudos tipológicos como instrumentos para a análise dos tecidos urbanos antigos das cidades.

Para Pier Luigi Cervellati (1983) a partir do estudo das tipologias arquitetônicas pode-se classificar a estrutura do centro histórico e sua formação, ela representa a essência das formas e a maneira de viver e pensar da sociedade que se reflete em edifícios semelhantes.

Giulio Carlo Argan (2001) considera que o “tipo” é a abstração de uma série de edifícios e resulta de suas propriedades estruturais comuns. Argan (2001, p. 65) destaca, ainda, a sua ligação com a história “(...) é legítimo, portanto, colocar o problema das tipologias, seja no processo histórico da arquitetura, seja no processo ideativo e operativo dos arquitetos individualmente”, considerando que “tipo” é um esquema reduzido de um conjunto de variantes formais a uma forma-base comum, um fundamento constante, histórico, suscetível a modificações, que resultam em um caráter particular; e pode ser identificado por funções práticas – hospitais, escolas, bancos – e configurações – planta central, longitudinal, etc.

Na década de 1960 Argan retomou o conceito de Quincy, defendendo que os estudos de tipologia arquitetônica são, na verdade, formados e transmitidos pela literatura e pela prática como uma analogia formal e funcional da construção histórica e cultural, em resposta a exigências ideológicas, religiosas ou práticas de uma série de exemplares. Para ele a arquitetura é composta de formas carregadas de simbolismo que se constituíram através dos anos.

Rossi (1982), seguindo na mesma linha de Argan e de Quincy, define a tipologia como elemento próprio de um lugar e de uma cultura, como constante histórica. Afirmar que a tipologia construtiva e a morfologia urbana possuem uma relação lógica, onde a forma urbana é interdependente da forma construtiva e trabalhar a forma urbana é determinar tipologias. A cidade é, dentro dessa lógica, o princípio ordenador a partir do qual se desenvolvem e se estruturam os tipos construtivos que

integrarão a forma urbana. Portanto, para a compreensão da paisagem urbana, se faz necessário o estudo dos tipos construtivos e da morfologia urbana.

Rossi (1982, p. 79-80) atribui aos “tipos” serem elementos determinantes da configuração da cidade, “O tipo, é, pois, constante e se apresenta com caracteres de necessidade; mas ainda sendo determinados, estes reagem dialeticamente com a técnica, com as funções, com o estilo, com o caráter coletivo e o momento individual do fato arquitetônico”. Do mesmo modo reconhece a aplicação positiva do “tipo” nos processos de criação arquitetônica, uma vez que aceita sua capacidade de transformação.

Para abordar a relação entre tipo edificatório e forma urbana se retoma a Muratori (s/d, apud GARCIA ROIG, 1998), que assinala que o tipo não se define a margem de sua aplicação concreta, ou seja, a margem de um tecido construído, o tecido urbano por sua vez, não se define a margem do conjunto da estrutura urbana, só é concebível em sua dimensão histórica.

Esta posição enfatiza a relação dialética entre o “tipo” arquitetônico e a urbanização onde se desenvolve. O urbanismo, condicionado por suas próprias leis, impõe a sua vez requisitos básicos para a arquitetura – recuos, tamanho e proporções dos lotes, alturas permissíveis, etc - com os quais esta terá que enfrentar-se e resolver suas implicações – pátios, alinhamento dos locais, circulações. Para problemas comuns respondem, geralmente, soluções comuns que, uma vez demonstrada sua efetividade, vão convertendo-se em modelos convenientes de imitar.

Caniggia e Maffei (1995) estabelecem um método de análise do espaço cultural construído pelo homem, por meio de uma leitura histórica baseada na evolução dos tipos. Para eles o processo tipológico é um processo histórico que apresenta alterações espaciais e temporais, que permanecem expressos nos objetos edificados, definem que o espaço cultural está configurado por componentes graduais em escalas consecutivas, quais sejam: elementos (edifícios); estruturas (aglomerações de edifícios); sistemas (núcleos de assentamentos) e organismos (território). Afirmam, ainda, que os assentamentos urbanos são dependentes da natureza do local, dos outros assentamentos urbanos que conformam o território e das relações com as estruturas viárias e produtivas. Por esta ordem gradual “o tipo é para o edifício o que o tecido [malha] é para a aglomeração” (CANIGGIA e MAFFEI, 1995, p.80) podendo haver ou não relação entre a evolução do tipo e do tecido. Afirmam, ainda, que a relação entre os elementos urbanos e os assentamentos adquire identidade em função de sua situação – centrada ou periférica – e da hierarquia dos percursos urbanos que constituem.

Os estudos de Waissman sobre o tema enfocam a tipologia como instrumento para a análise histórica da arquitetura. Considera o tipo “(...) como um sistema de relações e como um produto histórico, que pelo mesmo há de aceitar transformações que o mantenham vigente frente às exigências de cada circunstância histórica, e será carregado cada vez de novos significados” (WAISSMAN, 1984, p. 08), faz referência às denominadas “series tipológicas” que incluem as tipologias funcionais e as formais (segundo seu critério, talvez suficientes para a análise urbana), assim como a que chama tipologia estrutural, e a derivada da relação da obra com seu entorno.

Se evidencia desta maneira a importância da leitura do traçado urbano e dos espaços externos para compreender não somente os edifícios mas o caráter das culturas existentes. O espaço assume uma conotação de tipo sociocultural e urbano. Assinala-se assim a importância do estudo, não somente das estruturas em seu contexto originário, mas também das características urbanas e espaciais próprias

do sítio, a relação mútua entre os volumes e os espaços abertos. O caráter da tipologia como instrumento da historiografia arquitetônica oferece possibilidades como pauta para a periodização, sendo objeto de estudo, para o ordenamento do material histórico e como base para as análises críticas.

Sobre os aspectos estéticos da forma, é interessante a posição de Waisman (1984) que os denomina de expressões linguísticas. Outros autores como Roberto Segre (1987) os identifica como o valor ideológico-expressivo, englobando os aspectos expressivos e estéticos das disciplinas arquitetônicas e urbanas que correspondem às diferentes classes de uma sociedade específica. Acrescenta que estes valores conteriam a simbologia das funções e dos atributos sociais, formais e técnicos, característicos de um sistema urbano ou arquitetônico.

Moneo (1984) desenvolve uma análise histórica das diversas formas de pensar os conceitos de “tipo” e de tipologia, e dos fatores que levaram a sua negação por parte dos teóricos do Movimento Moderno, em inícios do século XX. Baseado nas interpretações surgidas nos anos 1960, Moneo enriquece a definição de “tipo” ao enfatizar sua capacidade de transformação, sua mobilidade e sua dinâmica. Outro aspecto de sua abordagem que vale ressaltar, está relacionado com a utilidade da classificação tipológica enquanto a sua condição de instrumento a serviço da avaliação das mudanças que, inevitavelmente, se produzem na arquitetura. Acrescenta, ainda, que “entender a questão do tipo é entender a natureza da obra de arquitetura hoje” (MONEO, 1984, p. 27), dando uma visão da importância atual do estudo da tipologia.

Grande parte destes teóricos reconhecem as vantagens da aplicação do conceito de “tipo” aos processos de projeto da nova arquitetura, muito em especial quando se trata de sua inserção nos contextos preexistentes.

Na atualidade, diversos arquitetos e urbanistas consideram fundamentais os estudos da morfologia urbana como antecedente básico para a criação contemporânea, ainda mais quando se trata da inserção de arquitetura contemporânea em contextos históricos. Esta linha é conhecida como “Contextualismo”, corrente identificada dentro do Pós-modernismo nos trabalhos de arquitetos como James Stirling, Aldo Rossi e Álvaro Siza entre outros. Na América Latina se destaca na utilização de estudos morfológicos vinculados aos trabalhos de preservação de conjuntos urbanos históricos.

Vários autores como José Lamas, Carlo Aymonino e Aldo Rossi defendem que a arquitetura dá forma às cidades, organizando os espaços que circundam os homens, levando em conta todas as suas necessidades físicas e psíquicas.

Aymonino (1981) e Rossi (1982) consideram que o significado da cidade em seu âmbito físico, é a relação entre análise morfológica do conjunto e a classificação tipológica dos seus componentes. Para Rossi (1982) há uma intrínseca relação entre morfologia e tipologia, sendo importantes para o conhecimento dos acontecimentos urbanos.

Esta relação entre a arquitetura e o urbanismo proporciona a identificação de elementos correlacionáveis entre ambos, permitindo, desta maneira, estabelecer leituras sequenciais que facilitam a percepção formal do “todo”. No entanto a cidade é uma totalidade, não como resultado da soma das partes, mas como a relação entre os elementos constituintes desta totalidade no tempo. A sua decomposição em elementos morfológicos pode ser utilizada como forma de facilitar a pesquisa e a avaliação do desempenho formal do espaço.

De acordo com Lamas (1994) alguns elementos básicos para o estudo da morfologia urbana são: Sítio, Traçado, Rua, Quarteirão, Lote, Edifícios, Fachada, Praça e Áreas verdes.

A partir do que foi visto anteriormente, se considera que os estudos morfológicos e tipológicos são instrumentos de análise que permitem entender as modificações urbanas no tempo e no espaço, identificando momentos de continuidade e de ruptura da cidade em sua evolução histórica e permite entender sua imagem atual. A compreensão da formação, evolução e transformação dos elementos urbanos e suas inter-relações, possibilitam a identificação de formas mais apropriadas, cultural e socialmente, para a recuperação de áreas antigas e planejamento de novas áreas.

3. A TIPOLOGIA E MORFOLOGIA DO CENTRO HISTÓRICO DE LAGUNA

A relação entre a arquitetura e o urbanismo proporciona a identificação de elementos correlacionáveis entre ambos, permitindo, desta maneira, estabelecer leituras sequenciais que facilitam a percepção formal do “todo”. No entanto a cidade é uma totalidade, não como resultado da soma das partes, mas como a relação entre os elementos constituintes desta totalidade no tempo. A sua decomposição em elementos morfológicos pode ser utilizada como forma de facilitar a pesquisa e a avaliação do desempenho formal do espaço.

3.1 Elementos tipológicos urbanos

O conjunto urbano arquitetônico que conforma o Centro Histórico de Laguna é o resultado de um processo histórico que se iniciou no século XVII e se prolonga até hoje. O traçado histórico da cidade reúne características que lhe dão um alto valor arquitetônico e urbano; é o traçado que acompanha a geografia, suas edificações imponentes e suas casas de caráter doméstico que se entrelaçam formando quadras, conformando um conjunto variado e harmônico em concordância com o traçado da cidade. A relação harmônica entre a trama urbana, os edifícios, as praças e as ruas com o sítio natural onde se localiza, lhe outorgam peculiaridades que se agregam aos valores formais da arquitetura.

Franco (1984, p. 10) em seu parecer de tombamento explica a adaptação das quadras aos vínculos do sítio “A adaptação é legível na marca, impressa na forma ‘T’, dos dois eixos segundo os quais se estruturou o organismo, respectivamente base e altura do triângulo inscrito no anfiteatro natural”. O primeiro eixo paralelo à margem da lagoa, sentido Norte – Sul, denominado por Franco (1984, p. 10 e 11) como “(...) braço horizontal do ‘T’. É, portanto, o eixo portuário, acesso por excelência de um povoado ilhado, até não há muito tempo, na ponta da restinga arenosa que separa do oceano o sistema de lagoas: Santo Antônio, do Maruí e do Mirim” (figura 1).

As características físico-geográficas do sítio e o objetivo da fundação estão refletidos na forma urbana do assentamento. Elementos importantes na leitura morfológica são as “construções balizadoras da ocupação”, como são chamadas no estudo de Tiradentes (IPHAN, 2005). Estes elementos arquitetônicos são fatos urbanos singulares que se destacam por seu posicionamento e significado, em geral são os que persistem no tecido urbano de maneira mais conservada e sua presença é determinante na imagem da cidade. No caso de Laguna o traçado da cidade foi definido inicialmente com a edificação da Capela de Santo Antônio no Campo de Manejo, da Casa de Câmara e Cadeia e da Fonte da Carioca, construções que sobressaem pela sua relevância e significado.

Figura 1. Imagem do Centro Histórico com os Elementos delimitadores do tecido urbano.



Fonte: adaptado de Google Earth, 2015.

A partir destes espaços geradores foi se configurando o assentamento no qual as construções públicas e privadas foram dando a pauta para a criação de espaços abertos como ruas e praças conformados por um conjunto de construções não monumentais e de grande variedade tipológica. A geometria do traçado não segue uma rigorosidade e se adapta às condições físicas e espaciais.

Outro aspecto que merece destaque, é a escala da estrutura urbana, característica das cidades luso-brasileiras, como herança da tradição urbana portuguesa, principalmente identificada nos espaços abertos (praças e logradouros) e no parcelamento do solo. Com relação às edificações, estas conformam a linha de fachada, configurando-se e enfatizando a continuidade longitudinal do espaço pela estrutura alongada e bem definida dos planos.

Além das edificações, ruas e espaços abertos públicos e privados, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana, caracterizando a imagem do Centro, mais como uma consequência do local de implantação do que como elemento planejado para conformação do espaço urbano. A vegetação está presente no entorno, nos Morros que o circundam, e em menor escala nos espaços abertos públicos e nos centros das quadras. Se observa uma baixa porcentagem de áreas verdes com relação ao construído na área central.

A forma das quadras resultou de sua vinculação aos traçados iniciais condicionados a sua vez pelos necessários vínculos funcionais da vila com a borda da Lagoa e os limites dos morros da Glória e do Rosário.

A organização do parcelamento do solo observada é o resultado de um contínuo processo de subdivisão e de fusão das primitivas parcelas, durante mais de quatro séculos. Estes contínuos ajustes, dos primeiros lotes, dependeram das possibilidades econômicas, das relações funcionais e das distâncias em relação às áreas que ganhavam em centralidade, o relevo e demais condicionantes ambientais do local.

3.2 Elementos tipológicos Arquitetônicos

Por se tratar de uma região pouco acidentada um dos elementos mais marcantes da sua paisagem é o conjunto edificado e as relações que cada prédio tem com seu entorno. Esta relação pode ser com o espaço urbano, com as edificações vizinhas ou o próprio lote. Os elementos que definem estas relações intervolumétricas são as alturas das edificações, considerando o número de pavimentos e altura das fachadas, os graus de contiguidade com a via pública e com os vizinhos, assim como também a testada das fachadas, tipos de coberturas e expressões linguísticas.

As tipologias arquitetônicas existentes no Centro Histórico de Laguna são diversificadas e evidenciam as influências ocasionadas pelos vários ciclos econômicos que marcaram as transformações socioeconômicas e culturais da cidade. Embora tenham ocorrido constantes renovações no Centro Histórico, as diferentes expressões linguísticas¹ fazem parte fundamental destas tipologias que têm coexistido no espaço urbano, algumas vezes em conjuntos homogêneos, outras compondo paisagens urbanas diversificadas (figura 2). Neste contexto as expressões linguísticas foram abordadas como um elemento a mais na análise da caracterização morfológica e tipológica do Centro Histórico de Laguna. São um documento de grande valor na configuração urbana desta área.

Figura 2. Panorâmica do centro histórico de Laguna, com a Lagoa de Santo Antônio e os morros ao fundo.



Fonte: Acervo Marco Bocão, 2009.

Cabe anotar em primeiro lugar que os aspectos morfológicos e tipológicos são elementos significativos e legíveis do Centro Histórico de Laguna que podem orientar os procedimentos de preservação e os critérios de intervenção. O traçado urbano, com suas diferentes configurações, é o elemento mais estável e permanente, que define os dois componentes essenciais do espaço urbano: o público e o privado. Este determina as características dos demais elementos urbanos como ruas, quadras, lotes e praças, bem como os elementos arquitetônicos como as tipologias em sua implantação e gabaritos. Esta malha se adapta aos condicionantes locais e as transformações das diferentes épocas, na proporção das quadras e principalmente nos terrenos com a implantação das edificações dos diferentes períodos, onde se pode encontrar os padrões morfológicos e tipológicos que deveriam nortear as novas intervenções. No caso de Laguna, o Centro Histórico é caracterizado pela diversidade de traçados de acordo com os diferentes períodos de formação, são quadras, praças, ruas e lotes de vários tamanhos. Em síntese, são sequências urbanas que condizem com as diferentes arquiteturas que foram construídas através do tempo, e que ainda permanecem em uma convivência harmônica.

¹ Se utilizou a denominação de “expressões linguísticas”, conforme Waissman (1984), pois se pensa que para este trabalho é a forma mais apropriada de denominar as diferentes características estilísticas, uma vez que pode-se observar que no Centro Histórico de Laguna foram muitas as modificações executadas apenas para uma modernização arquitetônica sem caracterizar novas tipologias



Os autores agradecem ao apoio do CYTED - Programa Iberoamericano de Ciencia y Tecnologia para el Desarrollo através da rede CIRES.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto é destino**. São Paulo: Ática, 2001.

AYMONINO, Carlo. **El significado de las ciudades**. Madrid: Herman Blume Ediciones, 1981.

CANIGGIA, Gianfranco; MAFFEI, Gian Luigi. **Tipologia de la edificación: estructura del espacio antrópico**. Madrid: Celeste, 1995.

CERVELLATI, Pier Luigi. “El Proyecto de la Conservación”, In: **Los Centros Historicos, Política Urbanística y Programas de Actuación**, Barcelona: Editorial Gili, 1983.

DURÁN ROCCA, Luisa. **Açorianos no Rio Grande do Sul. Antecedentes e Formação do Espaço Urbano do Século XVIII**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

DURAND, J. N. L. **Compendio de Lecciones de Arquitectura**, com Prólogo de Rafael Moneo. Madrid: Xarait, 1981.

FRANCO, Luís Fernando. P. **Informação nº 107/84**, Arquivo Noronha Santos/IPHAN, Rio de Janeiro, 1984.

GARCIA ROIG, José Manuel. **Elementos de análisis arquitectónico**. Valladolid, Universidade de Valladolid, 1998.

IPHAN. **Cidades Históricas - Inventário e Pesquisa** – Tiradentes, 2005.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MENÉNDEZ GARCIA, Madeline. **Tipologia de la Arquitectura Doméstica del Centro Histórico La Habana Vieja. Su aplicación a los programas de rehabilitación**. Tese De Doutorado. Instituto Superior Politécnico José Antonio Echeverría. Habana, 2005.

MONEO, Rafael: “De la Tipología “, in **Colección Summarios**, nº 79, Buenos Aires, 1984. pp.15 a 26

PESAVENTO, Sandra J, Com os Olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: **Revista Esboços**, nº 11. Florianópolis: UFSC, 2004. pp. 25-30.

ROSSI, Aldo. **La arquitectura de la ciudad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

SEGRE, Roberto; CARDENA SANCHEZ, Eliana. **Arquitectura e urbanismo: de los orígenes al siglo XIX**. La Habana, Pueblo, 1987.

WAISMAN, Marina. “La tipologia como instrumento de análisis histórico”. In: **Colección Summarios**, nº 79. Buenos Aires, 1984. pp. 02-15